



Juvenal Batella de Oliveira

ESTE LADO PARA DENTRO
— FICÇÃO, CONFISSÃO E DISFARCE
EM JOÃO UBALDO RIBEIRO

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE LETRAS
Programa de Pós-graduação em Estudos da Literatura

Rio de Janeiro
Março de 2006



Juvenal Batella de Oliveira

ESTE LADO PARA DENTRO
— FICÇÃO, CONFISSÃO E DISFARCE
EM JOÃO UBALDO RIBEIRO

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio
como parte dos requisitos parciais para a obtenção
do título de Doutor em Letras.

Orientador: Karl Erik Schollhammer

Vol. II

Rio de Janeiro
Março de 2006

Juvenal Batella de Oliveira

**Este lado para dentro — ficção, confissão e
disfarce em João Ubaldo Ribeiro**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras do Departamento de Letras do
Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-
Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo
assinada.

Prof. Karl Erik Schollhammer

Orientador

Departamento de Letras - PUC-Rio

Profa. Marília Rothier Cardoso

Departamento de Letras - PUC-Rio

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Departamento de Letras - PUC-Rio

Profa. Zilá Bernd

Instituto de Letras - UFRGS

Profa. Eneida Maria de Souza

Faculdade de Letras – UFMG

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de março de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Juvenal Batella de Oliveira

Graduou-se em 17 de março de 2006

Ficha Catalográfica

Oliveira, Juvenal Batella de

Este lado para dentro : ficção, confissão e disfarce em João Ubaldo Ribeiro / Juvenal Batella de Oliveira ; orientador: Karl Erik Schollhammer. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Letras, 2006.

v. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

Inclui referências bibliográficas.

1. Letras – Teses. 2. João Ubaldo Ribeiro. 3. Narratologia. 4. Discurso indireto livre. 5. Focalização interna. 6. Biografia. 7. Mercado editorial. I. Schollhammer, Karl Erik. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

RESUMO

Juvenal Batella de Oliveira; *Este lado para dentro — ficção, confissão e disfarce em João Ubaldo Ribeiro*. Rio de Janeiro, 2006. 533 p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

O primeiro objetivo desta tese é a descrição, a análise e a interpretação dos procedimentos narrativos utilizados por João Ubaldo Ribeiro em seus nove romances até agora publicados. Isto significa identificar, na sua maneira de contar as histórias, uma específica relação que o narrador estabelece com os seus personagens, ao levar às últimas conseqüências a prática do discurso indireto livre. A representação ficcional desse narrador — aqui nominado o *narrador sem cabeça* — é um personagem-chave do escritor: a almazinha cuja história é relatada logo às primeiras páginas do romance *Viva o povo brasileiro*, de 1984. Comportam-se ambos, um de cada lado, como seres errantes, figuras sem feitio e em constante processo de incorporação de linguagens alheias.

O segundo objetivo é demonstrar que esse mesmo narrador, tão íntimo de seus personagens, se revela no entanto ainda mais apegado ao próprio escritor, com ele partilhando crenças, idéias e experiências. Para tanto, com base numa pesquisa de imprensa que remonta ao início da carreira de João Ubaldo Ribeiro como escritor e avança até o ano de 2005, a tese articula o seu universo ficcional à sua biografia ainda não escrita — o que contribui para uma compreensão mais ampla da sua obra.

PALAVRAS-CHAVE:

João Ubaldo Ribeiro; narratologia; discurso indireto livre; focalização interna; biografia; mercado editorial.

ABSTRACT

Juvenal Batella de Oliveira; *This side in — fiction, confession and disguise in João Ubaldo Ribeiro*. Rio de Janeiro, 2006. 533 p. Doctor's Degree. Literature Department of the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

The first purpose of the thesis is the description, the analysis and the interpretation of the narrative procedures used by the Brazilian writer João Ubaldo Ribeiro throughout his nine novels published up to now. That means to identify, in his way of telling stories, a specific relation established by the narrator with his characters, stretching to the limit the usage of the so-called free indirect discourse (the FID). This narrator's fictional representation — herein called the *headless narrator* — may be found in a Ribeiro's key character: the little soul whose lifestory is told right on the first pages of the novel *Viva o povo brasileiro (An invincible memory)*, published in 1984. They both behave – the little soul and the narrator, side by side, in and out the story – as errant beings, shapeless figures in an on-going process of incorporating someone else's speeches.

The second purpose is to demonstrate that this same narrator, though very close to his characters, appears, nevertheless, even more attached to the writer himself, sharing with him believes, ideas and experiences. In order to demonstrate such relation between the author and the narrator, the thesis links the fictional universe of the novels and the author's nonwritten biography. Such relation is established on the basis of a printing-press research that covers the period beginning in the 1960's until the 2005's, thus allowing a more comprehensive understanding of the author's work.

KEY-WORDS:

João Ubaldo Ribeiro; narratology; free indirect discourse (FID); internal focalization; biography; publishing market.

Para Berenice, esta primeira vez.
Para Teresa, como se fosse sempre a primeira vez.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Valéria dos Santos, da editora Nova Fronteira, ao Carlos Carvalho, da Objetiva, e à Cecília Andrade, diretora literária da editora portuguesa Dom Quixote, que ouviram os meus pedidos e atenderam a todos eles, deixando-me feliz imediatamente.

À Otilia Peixoto, do *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Portugal, pelos gestos rápidos e pela seriedade, e tudo isso sempre a sorrir, fazendo com que me sentisse em casa com os seus sorrisos.

Ao José Carlos de Vasconcelos, diretor do *JL*, pelo à-vontade em que me deixou e pelas boas conversas que travamos acerca de seu “grande amigo Ubaldo”.

Aos bravos defensores da Biblioteca Juracy Magalhães Jr.: Isa Maria Silva Cardoso, Robertina Maria dos Santos, Moisés Alcântara Araújo, Bartolomeu Oliveira Barros e à sua incansável diretora, Dalva Tavares Lima, pela simpatia, pelo apoio, pela confiança. Sem eles, não teria conseguido ter acesso ao material de imprensa tão bem guardado e tão valioso — biscoito fino para qualquer pesquisador que tenha boa estrela.

Ao António Maria de Carvalho da Costa Pereira, à Eva Gaspar, ao Fernando Bastos, ao Fernando Viana, ao Filipe Manuel Nogueira Ferreira, à Isabel Lopes da Silva, ao Joaquim Trigo de Negreiros, ao Jorge Manoel Teixeira, ao José Carlos de Vasconcelos (mais uma vez), ao Manoel de Castro Vilas Boas, à Maria do Carmo Guerreiro, à Maria Gomes de Oliveira Xavier, à Maria Rita Brito Monteiro, ao Mário Negreiros e à Sandra Campos por terem respondido, com um sorriso e uma seriedade, a todas as minhas perguntas.

Ao professor Carlos Reis, pela imediata atenção que me concedeu e pelo sincero interesse com que ouviu todas as minhas idéias.

À professora Maria Lúcia Lepecki, pelo acolhimento que me deu em Portugal, pela co-orientação carinhosa, pelos cafés, pelas dicas lisboetas mais preciosas.

À professora Zilá Bernd agradeço pela confiança que depositou em mim desde o início do caminho.

Ao bravo, incansável e inadmoestável orientador, Karl Erik Schollhammer, conhecido como aquele que tem a última palavra, a mais sábia entre todas.

Agradeço ainda ao escritor João Ubaldo Ribeiro, aqui também chamado “objeto de estudo”, que paciente, resignada e generosamente se submeteu aos meus questionários e aos meus pedidos, posando mais ou menos imóvel enquanto eu, lápis à mão, esboçava o seu retrato de letras. A ele também cumprimento por ter escrito tanto e por continuar a escrever tanto.

À Berenice, pela maneira com que me ouve, com que me fala e com que me percebe, dos pequenos aos grandes temas.

Ao Joaquim e à Fernanda, que fazem do meu quotidiano uma eterna celebração, e isso a tal ponto que me sinto, a cada almoço, a cada jantar, a cada encontro, afagado e compreendido.

Ao meu pai, Juvenal, e à minha mãe, Telma, pela força e pelo carinho que me dão, e parece que adivinham os momentos em que preciso dessa força e desse carinho.

À pequena Alice, que me ensina muitas coisas, entre elas a possibilidade, e a necessidade, de um olhar novo sobre (quase) tudo.

À Teresa, o amor da minha vida, por renovar, a cada dia, a proposta para um desafio: o mais importante do mundo...

Ao meu interlocutor, esteja onde estiver.

Errar é humano,
sussurram as almas, também elas errantes.

“... tenho lido na folha que V.^a S.^a dirige umas correspondências subscritas por um sr. João Ubaldo Ribeiro e, ao que parece, enviadas da República dos Brasis. O dito senhor intitula-se romancista, e, por coincidência de nome ou apropriação soez, insinua ser o mesmo João Ubaldo que deu a lume o *Sargento Getúlio*, *Vila Real*, *Livro de histórias* e outras obras que todos nós admiramos. ¶ Terrível abuso!!! (...) Desprezível e clamoroso travesti literário (...)!!!! Pois não teve ao menos V.^a S.^a o cuidado de verificar a identidade do dito antes de lhe dar publicação, como se do escritor se tratasse? (...) ¶ Eu bem sei que andou por cá um brasileiro guedelhudo e de camisa de seda a apresentar-se como romancista João Ubaldo Ribeiro e que, por isso, foi recebido com a alegria e a admiração que esse autêntico escritor justifica. O dr. José Carlos de Vasconcelos propôs-lhe contratos (...), o dr. Mário Soares recebeu-o em provençal, José Nuno Martins pagou-lhe umas prédicas sambistas à boca do microfone, a menina da livraria abandonou o lar e as encomendas. Mas V.^a S.^a foi mais longe: publicou-o. ¶ Verdade que eu, pobre de mim, também acedi sentar-me uma vez à mesa com ele, mas ao terceiro bagaço percebi o embuste: o sujeito tinha sotaque galileu e caía em contradições sucessivas sobre a paisagem da Baía [sic] e dos territórios do verdadeiro João Ubaldo (...). (...) ¶ Termino, sr. director, informando que, deslocando-me este mês ao Brasil, não desperdiçarei a oportunidade de procurar o ultrajado romancista, da minha predilecção, que de há muito desejo conhecer pessoalmente. (...) ¶ Quanto ao Outro, deixo-o para sempre nos mundos subterrâneos onde escrevinha impunemente as cartas subversivas que V.^a S.^a publica. A bem da moral”

José Cardoso Pires,
 “Cartas de José Cardoso Pires ao autor de ‘Cartas ao Zé’”,
O Se7e, Portugal, texto sem data.

“... Então um senhor que se assina com o nome José Cardoso Pires, que, como se sabe, é um dos meus pseudônimos literários portugueses (os outros, já que chegou a hora das grandes revelações, eu digo logo: são Lobo Antunes, José Manuel Mendes, Augusto Abelaira (...) e Fernão Mendes Pinto, além de muitos que contratos e maquinações ainda vigentes me impedem de apontar). Quem escreveu os livros dele fui eu. Coisas da nossa organização, que não posso sair por aí contando. Esse senhor (...) de facto apresenta-se como José Cardoso Pires. (...) Complementarmente, o referido senhor tem gosto apurado pelo trajar (...), além de possuir, é claro, uma excelente cara de escritor — atributo que, como sabemos o Namora e eu (...), é indispensável para a obtenção da estima crítica e do respeito da colectividade (...). Muito bem (...): ele não pode ser o José Cardoso Pires porque não sabe nem ler nem escrever. (quem redigiu a carta por ele foi o Fernando Assis Pacheco [...]). (...) O verdadeiro nome dele é Tomé Carrascal e, antes de ser recrutado pela Organização, era pescador na Caparica (...). Esse homem, por artes da organização, foi guindado aos píncaros de literatura de expressão portuguesa. Quando eu escrevi *O Delfim*, nem imaginava que tudo fosse dar tão (...) certo. Pois muito bem, pois esse homem recebe as homenagens, a reverência, as honrarias e, principalmente, os prêmios. É bem verdade que, quando lhe entreguei os originais de *Balada*, lhe assegurei que o que ganhasse seria dele. (...) Não me arrependo, ele que fique com os rios de dinheiro que embolsa todos os dias, mas (...) bem podia ter-me mandado umas chamuças, um tintozinho, um da Serra cremoso, uns mimos assim simples. Era o mínimo que se poderia esperar. Mas não. O que recebo é um golpe traiçoeiro e solerte. Como não sou o João Ubaldo? Claro que sou o João Ubaldo. Isto quando não estou disfarçado de José Carlos de Vasconcelos (...). E quanto ao Tomé, diga-lhe que, se não parar com as gracinhas, transfiro o próximo livro dele para a Augustina Bessa-Luís. Não sou homem de brincadeiras. Revoltadamente seu”

João Ubaldo Ribeiro,
 “Cartas ao Zé — Esclarecendo equívocos”,
O Se7e, Portugal, 5 out. 1983.

SUMÁRIO

Pág.

1. INTRODUÇÃO: MISTÉRIOS, PROBLEMAS E PALAVRAS. “Bom dia, vamos conversar?” “Conto-lhe uma história.” A necessidade de uma tese para o andamento do mundo? Um escritor tem uma obra, e o que é uma obra? A marca, o padrão, a obsessão. O centro nervoso de João Ubaldo Ribeiro. A progressiva e nítida abertura. O caminho de aprendizados de uma almazinha. Narrador: ser constituinte e fundante do universo romanesco. O perfil do <i>narrador sem cabeça</i> . Do nada de um “poleiro d’almas” aos universos de cada personagem: o narrador incorpora. As ligeiras biografias de um pequeno eu. “Um (suposto) vínculo de excelência entre autor e obra.” O espírito totalizante e o espírito randômico. A biografia de uma vida intelectual pública. O biografema ubáldico. As “pontes metafóricas entre o fato e a ficção”. O <i>puzzle</i> Ubaldo caminha em direção ao <i>narrador sem cabeça</i> . Se o homem está para a vida, assim como o autor está para obra, o escritor está para ambas. Começa a conversa: mais café. _____	16
1.1. IDÉIAS _____	17
1.2. UM BOM PUNHADO DE PALAVRAS _____	18
1.3. A IDÉIA DO FACHO _____	22
1.4. A MEMÓRIA INDIVIDUAL _____	29
1.5. O <i>NARRADOR SEM CABEÇA</i> _____	30
1.6. O PEQUENO EU _____	34
1.7. “GUARDAR TUDO, JOGAR NADA FORA”: O MAL DE ARQUIVO _____	37
1.8. A LITERATURA, BARTHES E O VATAPÁ _____	41
 2. A INFÂNCIA BARROCA E A LINHA RETA DE GETÚLIO — A CABEÇA DO NARRADOR SEM MUNDO. O primeiro que é o segundo. Ubaldo e a “galinha de um ovo só”. O início da consagração. <i>Getúlio</i> e a imprensa norte-americana. O biografismo explicativo. Coutinho põe Ubaldo na teia: entre escritores, estilos e temas de nossa história literária. Antônio Conselheiro, Corisco e Getúlio: os machos desta terra. O <i>Grande Sertão</i> e as veredas de Getúlio: a obstinada primeira pessoa. Aracaju, 1950: o menino João com nove anos. Sob a “sombra” de Graciliano, sob a “sombra” de Rosa. O “não” às influências. O “não” às pesquisas: “... escrevi daquele jeito porque só acertava a escrever daquele jeito”. Getúlio: a gota serena. Antígona vem de longe. Getúlio: onde ficam o narrador, o personagem e a fronteira entre ambos? Meursault fala pouco. Atrás de Getúlio, a ideologia e o silêncio do mundo. Autobiografia ou auto-retrato? Faço, logo existo. Morrer frouxo ou morrer macho? Eis a questão: levar ou não levar? Getúlio pensa, Getúlio fala. Itaparica: 1941. A clássica vida entre livros. O pai, Homero, os sermões de Antônio Vieira e o que a erudição do narrador de Ubaldo deve à sua formação. As lembranças de	

infância do “sargento que não morria”. O “verdadeiro” Getúlio pintava as unhas. E lá no fundo: o menino Ubaldo. O pai de Ubaldo, o chefe de Getúlio? A literatura e o poder nas grandes famílias brasileiras. A visão do(s) menino(s) sobre o “Dragão Manjaléu”. Javier Marías e as três caras do fantasma autobiográfico. Os três sargentos-Sherazade: Getúlio, Tasso e Cavalcanti. De “alguém que poderia ter sido eu” a “alguém que não pode ser outro senão eu”. “Getúlio Ubaldo Ribeiro”. O filme “documentário-literário” de Hermano Penna. Getúlio: “... quando estou pensando, estou falando”. A contra-ordem: “... ele mesmo, o chefe, não prendeu ninguém...”. Câmera subjetiva: o olhar da vítima, a degola do tenente. “Tirando bicho de pé, seu Getúlio?” E começamos, como os norte-americanos, a gostar do sargento. “Eu sou Getúlio Santos Bezerra e meu nome é um verso.” O teatro aberto, Getúlio em cena: o monólogo. “Eu era ele, agora eu sou eu.” Lima Duarte a Othon Bastos: “... tomara que você fique doente”. Barra dos Coqueiros: o local de morte: “... e eu nunca vou morrer, Amaro!”.

46

2.1. SARGENTO GETÚLIO E CIA.	48
2.2. DA INESCAPÁVEL CABEÇA DE GETÚLIO	60
2.3. “SARGENTO GETÚLIO SOU EU”, DIZ UBALDO	77
2.4. DO LIVRO AO FILME — E A VOLTA E MEIA	95

3. **SETEMBRO FECHADO SOB O FAROL — A CABEÇA DO NARRADOR CONTRA O MUNDO.** A juventude radical. O contexto de *Setembro não tem sentido*. O paralelismo entre *Setembro...* e *Diário...*: os 21 e os 60 anos, o ano de 1964. Tristão, Orlando e o padre: a falta de sentido. O início da carreira: João Ubaldo Ribeiro ou João Paulo Oliveira? A amizade com Glauber Rocha. Os fantasmas e o espelho. “Está pronto para publicar.” O “sim” às influências: Joyce e outros escritores modernos. “Acho ruim, mas não é tão ruim, não.” A autobiografia ou o umbigo de Ubaldo: “... os jovens intelectuais baianos à porta da livraria Civilização Brasileira”. O comportamento agressivo e original do narrador. A ilha, a ilha, a ilha. O romance enclausurado. O elogio e a crítica de Jorge Amado. Tanto niilismo, tanta amargura e tanto pessimismo “atrás do riso alegre de Ubaldo Ribeiro...”. “Esta é a Semana da Pátria, e eu não estou me sentindo nada bem...” Orlando e os seus pequenos fatos importantíssimos. O feitio camaleônico do narrador. Os erros de *Diário do farol*: a atuação do escritor não-profissional. Os “Ubaldos”: repórter, redator, copidesque, chefe de reportagem, colunista, editorialista, editor-chefe. A imagem de “povo”. A política em *Setembro...* e no *Diário...*. A *des-pompa* pela via do humor e pela do rancor. “Tudo já foi escrito”, dizem Ubaldo e o seu padre. O quão pouco moderno é *Setembro não tem sentido*? A frágil extradiegese do narrador, cuja alma trafega entre os vivos. Tristão: a focalização interna levada às últimas consequências. A multivocalidade desde o início. Joyce e Ubaldo: “... era uma vez e uma vez muito boa mesmo uma vaquinha-mu” e “... tun-tun (...) iam ao fundo do quintal para olhar as coisas um do outro”. Sherazade e os modos de narrar. O narrador transformante e transformado. O Ubaldo de *Reunião*: “... salutar insatisfação formalística...”. A consciência de Orlando caminha para a dissolução e se espatifa. O “bovarismo” ubaldico. Orlando e o padre: a liberdade de não querer nada; a prisão no presente e no discurso; “O outro? Não conheço...”; e a verdade, por favor. “Eu estou aqui e agora dizendo isto.” “Escrever não tem sentido”, diz aquele que escreve: o “paradoxo do fênix”. O pai, o filho e a santa biblioteca... de *Setembro...*, do *Diário...* e da *casa dos*

<i>Budas...</i> Montaigne e os seiscentos volumes. O pai de Orlando e do padre e as “cartas do pai”, n <i>O sorriso do lagarto</i> . “Não aceito o magistério da Igreja”, dizem Ubaldo e CLB. “O bigode”, de João Ubaldo Ribeiro. “Não vou dizer que psicografei... mas vivi o personagem...” O homem perigoso. A ditadora do mundo. _____	115
3.1. A REDAÇÃO DO NARRADOR DA REDAÇÃO _____	125
3.2. A TERCEIRA PESSOA: O TERCEIRO EXCLUÍDO _____	141
3.3. É SETEMBRO NO DIÁRIO DE ÁGUA SANTA... EM SERGIPE E NA BAHIA _____	161
3.4. A ESCRITA DA ESCRITA DA ESCRITA... _____	172
3.5. EM NOME DO PAI, DO PAI E DO PAI _____	178
 4. O PEQUENO GRANDE MUNDO DE ARGEMIRO MEIA-LUA — O MUNDO DA CABEÇA DO NARRADOR. A literariedade da literatura, a artisticidade da literatura. As tarefas de um chefe: exercer o comando, dar proteção, ministrar ensinamentos e distribuir boas palavras. Um chefe natural e incapaz de o ser. A história de Argemiro: a história do transcurso de uma incumbência. O discurso clássico de poder e a mediação cultural. A eloquência do narrador e os silêncios de Argemiro. A frase de Silviano Santiago. Geertz e o carisma. Vila Real e a necessidade de um líder. O carismático e o centro das coisas. O centro das coisas é a guerra. O espatifamento da transcendência. O pé no topo da pedra e a grande questão. A sociedade da ausência: “O Filho de Lourival”. A Inglaterra, a terra de Java e o Marrocos. O poder como “coisa em si”. A coisa possuída e o condão de possuir. O <i>baraka</i> . Faltam palavras onde falta tudo. A cabeça de Argemiro e a figura do narrador. O “espúrio legítimo”, ou o que deleita, comove e ensina. A literatura anfíbia. O que há de errado com as palavras de Argemiro? Maria da Fé, o espelho distante de Ernesta. As névoas e os caroços. A prática política e a prática da vida. O narrador: o <i>duplo</i> de Argemiro. A cabeça de Argemiro como a fala do narrador; a fala do narrador como uma conversa íntima. A querela <i>por</i> e <i>com</i> as palavras. O narrador ensaísta. <i>Vila Real</i> : o único livro de versos. Há aqui pelos menos três boas batalhas. A subjetividade coletiva. Argemiro, o herói épico. As “extremidades da diegética”. A maturidade do escritor. A “questão” da identidade brasileira. A busca pelo verbo brasileiro. Os “ <i>happy few</i> ”. “ <i>Vila Real</i> é meu romance órfão.” É hermético? A materialidade áspera da palavra. <i>Os sertões</i> e a sua “deficiência estrutural”. Argemiro Meia-Lua e o Urutu-Branco. A responsabilidade do artista e o bisturi literário. A bola preta e a obstinação de <i>Vila Real</i> . _____	196
4.1. O REI ESTÁ SEMPRE NU _____	200
4.2. VILA REAL, MARROCOS _____	206
4.3. O “ESPÚRIO LEGÍTIMO” _____	210
4.4. O NARRADOR-ENSAÍSTA _____	215
4.5. A EPOPEIA SERTANEJA _____	222
4.6. O NARRADOR-BRASILEIRO: A BOA E VELHA “QUESTÃO” DA IDENTIDADE _____	232
4.7. UBALDO, ARGEMIRO E O NARRADOR _____	243
 5. O VOZERIO DO POVO BRASILEIRO — O MUNDO DO NARRADOR SEM CABEÇA. A cara do <i>narrador sem cabeça</i> . O narrador-cavalo do personagem. O título-verruga: origens e razões. O trabalho crítico como leitura da própria vida. O narrador de <i>Viva o povo...</i> e <i>dO feitiço da ilha do Pavão</i> : técnicas e técnicos. Pequenas focalizações internas: a dança dos pontos de vista. Os “bem falantes”	

donos do poder *versus* as encarnações da pobre almazinha, e o narrador no meio. O exercício da *personalidade textual*. A *presença vocal* nos oprimidos. O direto e o indireto bastante livres. O canibalismo em três tempos, 1922, 1984 e hoje: uma dívida de Ubaldo ou uma gozação? O *des-aprofundamento*. A boca do índio, a cabeça do branco. Antropofagia e canibalismo: o filé à *Oswaldo Aranha*. Bakhtin fala, Dadinha morre. O narrador sai à *francesa* e olha à volta. Novamente o escritor. Hibridismos *ubáldicos*. Amleto, o pragmático, fala mas não diz. Caio Prado cai no erro. Philip Roth e Ubaldo reinventam o passado. Amleto apanha e Virgílio socorre. O RG de Ubaldo. Ubaldo da Fé: “Sou mulher e sou bandida”. As teses sociais ou o romancista-ideólogo. As noventa cabeças: o saber popular do narrador. O leitor conhece Leléu? Arte: metáfora do conhecimento. “A literatura...”, diz Antonio Candido. O tatu, o baiacu e a epistemologia. Saber ou não saber, eis o problema narratológico. O agá minúsculo pouco falado. Ubaldo “psicografa”. Os dois Leléus. As gracinhas de um romance (anti-)histórico. O discurso heróico e o outro, o das bicheiras e do medo. Um cego conta *Viva o povo....*: Ensaio sobre a vidência... A “meta-história”. O Arraial de Santo Inácio: meio de caminho entre ficção e história. O flanco LaCapra. A ilha do Pavão e o lugar “fora” do Brasil. A condição mítica da ilha: a toca do tempo e o desfile dos possíveis futuros. A Guerra do Paraguai e a Guerra de Tróia: a “Ilíada Negra” e a opção pelo épico. Os deuses e os “orixás façanhudos e faiscantes”: Zeus, ajuntador de nuvens, e Oxalá, pai dos homens, Aquiles, de pés rápidos, e Ogum, cujo nome é a própria guerra. O tema, os pontos dramáticos e a forma. Homero e Ubaldo: a transformação da releitura e o sangue derramado. _____ **251**

5.1. PEQUENAS INCORPORAÇÕES: O NARRADOR A CAVALO _____	259
5.2. ANTROPOFAGIA(S) DE ONTEM E HOJE: O “CABOCO” COME _____	274
5.3. JOÃO UBALDO FAZ CEM ANOS _____	286
5.4. A LÍNGUA-MULETA DO MULATO AMLETO _____	300
5.5. JOÃO UBALDO, A CAVALO, É MARIA DA FÉ _____	313
5.6. O NARRADOR DE NOVENTA CABEÇAS: LITERATURA E CONHECIMENTO _____	321
5.7. A “ONISCÊNCIA RELATIVA” _____	334
5.8. AS HISTÓRIAS DE UM ROMANCE HISTÓRICO QUE SE QUER <i>ESTÓRIA</i> _____	348
5.9. “CANTA, Ó, MUSA!”: UMA DESCRIÇÃO INTERPRETATIVA _____	378

6. **UBALDO AMADO — A CABEÇA DO NARRADOR NO MUNDO.** Uma biografia de ponta-cabeça. O escritor entre a crítica e o público. O início da carreira: melhores momentos? Romance: gênero capenga? A narrativa brasileira contemporânea: painel histórico ou miniatura fragmentada? O (falso) debate *best seller versus* obra de arte. Um livro bem sucedido é um *best seller*? Um *best seller* é um livro ruim? A frustração das expectativas críticas. Romancista tradicional, intérprete de seu povo e do seu tempo? *O sorriso do lagarto*: o fim do regionalismo ubáldico. Jorge Amado: a opressiva “persona” literária? O “problema da linguagem” e a “questão do discurso”. O escritor-escrivão: o que vive da pena. A justa matéria dos romances, a justa matéria da vida. O leitor médio e o conteúdo das histórias. Está precisando de dinheiro? Escreva um livro. O escritor-escrivão: retrato falado. O barroquismo, o perfeccionismo, o eruditismo, o biologismo, o alcoolismo, o romantismo, o nervosismo e o profissionalismo da escrita. Os budas lusitanos e os hipermercados censores. A carta de um leitor português. As resenhas dos jornais portugueses. O que dizem os comerciantes lusos: “... livros, bolachas e chocolates...”, o que diz o editor

da Dom Quixote: “... censura!”, o que diz o autor? João Ubaldo “Rodrigues” e Portugal. Como se faz um <i>best seller</i> ? Por acaso? Os fatores em jogo no motor do DCL — discurso crítico literário. Escritor <i>best seller</i> ou escritor profissional? <i>Top</i> de venda ou <i>best seller</i> ? A crítica e o livro: o que fazer então com tudo o que não é o livro, embora seja? Benedita: a miséria e a grandeza de mais um livro de Ubaldo, ou nada mais que o primeiro <i>e-book</i> ? Uma “nova e mais que merecida chance”: o papel. O leitor é o único juiz, diz Ubaldo. As literaturas: oral, erudita e massiva, e o literário a circular... Ubaldo Amado: a discussão apenas começa. _____	396
6.1. O LUGAR DO ESCRITOR NO MUNDO _____	397
6.2. A FORTUNA CRÍTICA _____	404
6.3. O TRABALHO DO ESCRITOR-ESCRIVÃO (PARTE I) _____	418
6.4. O TRABALHO DO ESCRITOR-ESCRIVÃO (PARTE II: RETRATO FALADO) _____	428
6.5. O CASO DA CASA DITOSA: MISÉRIA E GRANDEZA _____	437
7. CONCLUSÃO: MISTÉRIOS, PROBLEMAS E PALAVRAS. A minha (nossa tese). Escreve-se a conclusão ao início e a introdução ao final. Errar de maneira certa. O autobiografismo fantasmagórico restou superestimado? E o autor, numa tarde do século XVIII, subiu no telhado... E novamente os perigosos e alagadiços terrenos biográficos. O que é a <i>obra</i> senão aquilo que é feito por um <i>autor</i> ? O “escritor”: aquele que escreve e aquele que reflete sobre a escrita. O funcionamento do “nome do autor”. Ser ou não ser um “escritor-escrivão”? “Eu faria tudo diferente”, disse ele. O percurso temático no lugar do percurso biográfico. O mosaico ubaldico se esfarela, “porque o passado...”, disse ele, e calou-se. <i>Prousting</i> : a tese autofágica. _____	468
7.1. A “MORTE DO AUTOR”; O LUGAR DO ESCRITOR _____	469
7.2. O <i>SCRIPTOR</i> MODERNO _____	475
7.3. “É PRECISO REDIVIDIR TODA A TESE”, DISSE ELE _____	480
7.4. <i>EXIT: LET’S PROUST...</i> _____	486
8. BIBLIOGRAFIA DE JOÃO UBALDO RIBEIRO E BIBLIOGRAFIA GERAL (ilustradas com notas de rodapé)	
8.1. DE JOÃO UBALDO RIBEIRO	
8.1.1. ROMANCES _____	487
8.1.2. OUTROS _____	487
8.1.3. VERSÕES PARA O INGLÊS (DO PRÓPRIO AUTOR) _____	489
8.1.4. LIVROS TRADUZIDOS _____	490
8.1.5. ADAPTAÇÕES, ROTEIROS EM CINEMA TELEVISÃO E TEATRO _____	494
8.2. GERAL	
8.2.1. BIBLIOGRAFIA CITADA SOBRE JOÃO UBALDO RIBEIRO _____	495
8.2.2. BIBLIOGRAFIA CITADA DE IMPRENSA _____	496
8.2.3. ESTUDOS CITADOS SOBRE O NARRADOR _____	515
8.2.4. DEMAIS LIVROS E TEXTOS CITADOS _____	516
8.2.5. FONTES ELETRÔNICAS CITADAS _____	520
8.2.6. OUTROS _____	522
9. APÊNDICE: QUESTIONÁRIO “PROUST” COM JOÃO UBALDO RIBEIRO _____	523